

CAP XXII – NÃO SEPAREIS O QUE DEUS JUNTOU

Itens 1 a 5 – Indissolubilidade do casamento. O divórcio.

Evangelho de Mateus, Capítulo 19, Versículo 3 a 9:

“Aproximaram-se dele os fariseus, testando-o, dizendo se é lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer razão.

Em resposta, disse: “Não lestes que o Criador, no princípio, os fez macho e fêmea?”

E disse: “Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma única carne? De modo que não são mais dois, mas uma única carne. Portanto, o que Deus juntou no jugo não separe o homem”.

Diziam-lhe: “Moisés, por causa da dureza do vosso coração, vos permitiu repudiar as vossas mulheres, entretanto, não sucedeu assim desde o princípio”.

Eu, porém, vos digo: “Quem repudiar sua mulher, a não ser por infidelidade, e se casar com outra, comete adultério”.

Para entendermos o diálogo entre os fariseus e Jesus é necessário conhecer o contexto da época e com base em quê essas perguntas foram formuladas.

Não podemos esquecer que todas as leis instituídas por Moisés foram feitas para conter o povo hebreu que era naturalmente indisciplinado em razão dos vários anos de escravidão no Egito.

Os 10 Mandamentos têm caráter divino e todas as outras eram leis humanas criadas de acordo com os costumes da época. Assim, é natural estranharmos alguns trechos do Evangelho.

Os fariseus, ao estabelecerem este diálogo com Jesus, estavam avaliando o nível de conhecimento que o Mestre possuía acerca da lei mosaica e como ele estava divulgando os seus ensinamentos.

Existia na época de Jesus 2 escolas de entendimento da lei mosaica:

Uma era mais rígida e dizia que não podia acontecer a separação de um casal, ou seja, o divórcio, por qualquer motivo. Essa separação só poderia acontecer no caso da mulher impedir de alguma forma o homem de seguir as leis mosaicas.

A outra era mais flexível e dizia que qualquer motivo poderia dar causa ao divórcio.

Quando os fariseus perguntam a Jesus se era lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer razão, eles queriam saber com qual escola Jesus concordava. Com a escola mais rígida ou com a mais flexível?

O tema central dessa passagem não trata do divórcio em si, pois este era aceito na época e a questão era pacificada entre o povo. Portanto, as pessoas podiam se divorciar.

A mulher recebia um dote por ocasião do casamento para que, na hipótese do rompimento daquela união, ela não saísse sem posses.

A questão central da passagem é: *Quais as consequências espirituais de um divórcio?*

Nos **Itens 1 a 5 – Indissolubilidade do casamento e divórcio**, Kardec analisa essa questão e inicia esclarecendo que:

“Imutável só há o que vem de Deus. Tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança. As leis da natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência.”

Logo mais ele afirma:

“No casamento o que é de ordem divina é a união conjugal, para que se opere a renovação dos seres que morrem. Mas as condições que regulamentam essa união são de tal maneira humanas que não há, em todo o mundo, e mesmo na cristandade, dois países em que elas sejam absolutamente iguais. E não há mesmo um só país em que não tenham sofrido modificações através do tempo.”

Conclui Kardec que, na união conjugal, a lei divina é o Amor, acentuando:

“Deus quis que os seres se unissem não somente pelos laços carnis, mas também pelos laços da alma, a fim de que a mútua afeição dos esposos se estenda aos filhos.”

Jesus disse na passagem de hoje: *“O que Deus juntou no jugo não separe o homem”*.

Nós sabemos que Deus é Amor, portanto, a leitura que devemos fazer é:

O que o Amor uniu, que as circunstâncias do mundo não separe!

E pelas circunstâncias do mundo podemos entender: a vaidade, o orgulho, o ciúme, o egoísmo!

A Lei de Amor deve estar presente no casamento, assim como em todos os relacionamentos.

De acordo com o Evangelho segundo o Espiritismo, Deus nos dá oportunidades de conviver em família sanguínea e espiritual e, assim, conviver com muitas pessoas para que possamos acertar os desentendimentos que trazemos de outras existências.

Com isso, Deus espera que todos nós aprendamos a viver juntos com amor, respeito e compreensão.

Ele quer nossa união, que nos tornemos amigos e irmãos uns dos outros, que nos ajudemos, auxiliemos e vivamos em paz, harmonia e entendimento.

Quando há amor, há união. Onde existe e impera a Lei de Amor não há separação, pois o amor é o elo que nos une a Deus e ao nosso próximo.

Na **Questão 939** do **Livro dos Espíritos**, Kardec pergunta:

“939 - Uma vez que os Espíritos simpáticos são induzidos a unir-se, como é que, entre os encarnados, frequentemente só de um lado há afeição e que o mais sincero amor se vê acolhido com indiferença e até com repulsão? Como é, além disso, que a mais viva afeição de dois seres pode mudar-se em antipatia e mesmo em ódio?”

Resposta: *Quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encantamento material!*

Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades. Vivendo realmente com ela é que poderá apreciá-la.

Cumpra não se esqueça de que é o Espírito quem ama e não o corpo, de sorte que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade.”

Existem duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma, acontecendo com frequência tomar-se uma pela outra.

É importante destacar que a Doutrina Espírita não prega o divórcio como solução dos males que assolam inúmeros casamentos, assim como também não o condena.

Mas a Doutrina orienta que o divórcio só deve ser realizado em último caso, quando não existe nenhum clima de convivência entre os cônjuges.

O divórcio, muitas das vezes, é uma forma de evitar consequências que talvez pudessem resultar em transtornos psicológicos, suicídio, homicídio, dentre outros.

André Luiz, no livro **“Evolução em Dois Mundos”**, pela psicografia de Chico Xavier e Waldo Viera, no **Capítulo 8 – Matrimônio e Divórcio**, nos fala sobre o casamento e o divórcio sob o ponto de vista espiritual. Ele nos alerta que:

“É imprescindível que o sentimento de humanidade interfira nos casos especiais, em que o divórcio é o mal menor que possa surgir entre os grandes males pendentes sobre a frente do casal, sabendo-se, porém, que os devedores de hoje voltarão amanhã ao acerto das próprias contas.”

Por fim, fica para a nossa reflexão a mensagem de Joanna de Ângelis do **Cap. 6 - Casamento e Companheirismo** que está no livro **“Amor, imbatível amor”**, psicografia Divaldo Franco:

“O lar é, ainda, o santuário do amor, no qual, as criaturas se harmonizam e se completam, dinamizando os compromissos que se desdobram em realizações que dignificam a sociedade.

Por isso, quando o egoísmo derruba os vínculos do matrimônio por necessidades sexuais de variação, ou porque houve um processo de saturação no relacionamento, havendo filhos, gera-se um grave problema para o grupo social, não menor do que em relação a si mesmo, assim como àquele que fica rejeitado.

Certamente, nem todos os dias da convivência matrimonial serão festivos, mas isso ocorre em todos os campos do comportamento. Aquilo que hoje tem um grande sentido e desperta prazer, amanhã, provavelmente, se torna maçante, desagradável.

Nesse momento, a amizade assume o seu lugar, amenizando o conflito e proporcionando o companheirismo agradável e benéfico, que refaz a comunhão, sustentando a afeição.

É claro que o casamento não impõe um compromisso irreversível, o que seria terrivelmente perturbador e imoral, em razão de todos os desafios que apresenta, os quais deixam muitas sequelas, quando não necessariamente diluídos pela compreensão e pela afetividade.

(...)

Todo compromisso afetivo, portanto, que envolve dois indivíduos, torna-se de magna importância para o comportamento psicológico de ambos. Rupturas abruptas, cenas agressivas, atitudes levianas e vulgaridade geral lesões na alma da vítima, assim como naquele que as assume.”